

Comércio

‘O associativismo é ferramenta para aumentar a influência’, diz presidente da ACPA

José Paulo Soares Martins busca apoiar os pequenos e grandes empreendedores porto-alegrenses

Jamil Aiquel

Assumir o comando de uma entidade empresarial em um cenário de profundas transformações mercadológicas e de contínua reconstrução econômica é uma tarefa árdua. José Paulo Soares Martins, que tomou posse como novo presidente da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA) em abril deste ano para a gestão 2026/2028, encara o início de sua liderança com o desafio de inserir a instituição na era digital e torná-la vital para o ecossistema de negócios da cidade.

Jornal do Comércio – Quais são as expectativas para a sua gestão como presidente da ACPA?

José Paulo Soares Martins – Minhas expectativas não são boas. Sempre quero botar a régua às vezes alta demais. As entidades empresariais, e é o caso também da ACPA, estão vivendo não só a questão tradicional de tentar melhorar ao máximo as suas práticas, mas também o desafio de encarar a transformação digital e como essa transformação pode ajudá-las no seu papel. Mas o principal objetivo da gestão que está iniciando é que nós consigamos introduzir a Associação Comercial quase

como um item vital das empresas que fazem parte do ecossistema de Porto Alegre. No sentido de que se possa acolhê-los do ponto de vista de dar atendimento a eventuais necessidades que eles tenham, de que possamos fortalecer o associativismo e, principalmente, gerar uma cadeia de relacionamentos e de negócios para o crescimento de toda a comunidade. É um pouco ousado do ponto de vista de expectativa, como eu falei inicialmente, mas é necessário. Nosso desafio é muito grande, mas eu sou bastante otimista. Acredito que conseguiremos não só reproduzir os resultados positivos das gestões anteriores, mas agregar um pouco desse meu sonho de uma entidade mais fortalecida.

JC – Quais desafios imagina que enfrentará à frente da ACPA?

Martins – O maior desafio é ter atratividade para todo o meio empresarial da cidade. Isso significa oferta de produtos, serviços ou benefícios. E uma confiança por parte dos empresários de que a entidade pode fazer o papel da advocacia, se necessário, tanto com o Legislativo, como com o Executivo e com as demais partes interessadas da sociedade, pelo crescimento do empreendedorismo e dos negócios.

JC – Um dos principais temas de debate no âmbito político atual é a redução da escala 6x1 para a 5x2. Como a medida pode afetar o comércio de Porto Alegre?

Martins – Existem algumas variáveis a considerar. A primeira é a oportunidade do tema. Como é um período eleitoral, o sentimento geral é de que talvez não fosse o período mais oportuno para esse debate. A segunda questão é que existem prós e contras. Nós, como pessoas, queremos mais tempo, mais dinheiro, mais sucesso, mais lazer. Então, uma medida como essa, de certa forma, propicia isso. Mas todo o benefício só terá o seu valor se tiver uma análise devida num tempo devido, porque, ao mesmo tempo que isso eventualmente venha a acontecer, o que nós



José Paulo Soares Martins assumiu a presidência da ACPA neste ano e defende a força da união do setor empresarial

vamos ter é uma elevação do custo nas empresas e uma redução dos horários de atendimento. Ao elevar o custo das empresas, o custo dos produtos e serviços também aumentará, mesmo que a demanda venha a aumentar, porque as pessoas terão mais tempo disponível. E nós teremos, provavelmente, também queda na arrecadação de impostos por uma redução provável do consumo. É um tema complexo, precisa ser ainda debatido, principalmente na forma de implementá-lo.

JC – Muito se fala que as bets estão tirando a renda que o consumidor destinaria ao varejo. O senhor enxerga isso como um problema?

Martins – É um problema. Eu até separo em duas situações. A primeira situação é mais da psicologia do consumo. Nós assistimos à questão da campanha contra o fumo. E a campanha contra o fumo não tirou a liberdade. Dizem assim: “se proibir o jogo, estamos tirando a liberdade do indivíduo”. Não é isso. A liberdade não pode ser vista sob esse ponto de vista. Quando nós damos uma liberdade que afeta o Estado como um todo, quem está pagando a conta é toda a população. Ao dedicar recursos da renda dela para isso, a pessoa está deixando de colocar recursos em compras que faria de vestuário, de lazer. É preciso ter uma regulação, não pode ser uma coisa livre. E essa regulação talvez se aproxime muito do que foi regulado com relação à questão do fumo e o do álcool. Porque nós todos, humanos, somos muito sensíveis a seguir a onda, e com o nível de publicidade que o

tema tem e a falta de condição de ajuste, é muito ruim.

JC – Passados dois anos das enchentes, como o senhor enxerga a retomada do comércio em Porto Alegre? Já superamos os impactos?

Martins – A cidade está tentando fazer essa proteção, mas tem um dado que a gente não pode deixar de considerar: o lago recebe águas de várias origens. Então, se não for tratado de uma forma sistêmica em relação a toda a bacia do Guaíba, talvez toda a nossa proteção aqui não tenha muito efeito. Mas não vamos ser tão pessimistas assim, vamos considerar que conseguiremos fazer a retenção necessária. Não vejo ainda uma recuperação em relação à situação do comércio. Minha esposa tem uma loja que não sofreu diretamente com a questão das enchentes, mas o ambiente do negócio dela sofreu muito e ela está com muitas dificuldades. E isso é comum a várias empresas. Existe um ambiente no contorno de toda a cidade que pode ter sido prejudicado. Tem muita gente ainda passando muita necessidade, apesar dos esforços da prefeitura. Foi muito dolorido. Tem pessoas ainda extremamente marcadas pelo que aconteceu. Tem muita gente que eventualmente não está investindo, tem muita gente que não está nem conseguindo se sustentar. Acho que, se Deus quiser que não tenhamos um novo evento, a gente ainda leva uns anos para ter uma recuperação maior.

JC – A falta de profissionais qualificados é uma queixa frequente dos empresários. Esse é um gargalo no comércio local?

Martins – Não é só em Porto

Alegre. Participo também da Federasul e temos conversado sobre essa questão do emprego. Tem várias estratégias, como a de utilizar os imigrantes ou pessoas de outros estados. Tem alternativas sendo seguidas. O maior problema é quando a gente projeta a médio prazo e vê que a transformação digital possivelmente mude muito o perfil de operação das empresas. Eu acho que ainda tem uma incógnita grande nesse tema, mas, hoje, a mão de obra é um problema que está relacionado com a educação, está relacionado com o ambiente das pessoas. Os jovens, de uma certa forma, ainda estão confusos quanto ao seu futuro. O ambiente hoje está mais conturbado, há muita informação e as pessoas ficam em dúvida.

JC – O senhor quer deixar alguma mensagem para o associado da ACPA?

Martins – Eu diria, não só para os associados, mas para todo o ambiente das empresas que trabalham na cidade de Porto Alegre. O pedido que eu faço aos empresários é que eles utilizem o associativismo como uma ferramenta para aumentar a influência deles em nível legislativo e judiciário. A associação comercial é uma dessas entidades, temos outras, mas é importante que ninguém fique parado atrás do balcão, para usar uma expressão desse tipo, reclamando sem colocar um pouco da sua dedicação voluntária no tratamento dos temas que favorecem o crescimento do ambiente de negócios da cidade. Então é um pedido que eu faço, de que todos procurem participar da melhor forma possível.



Ao dedicar recursos da renda para isso (bets), a pessoa está deixando de colocar recursos em compras que faria